

# **Capítulo 6**

## **A mulher na Engenharia Florestal**

*Yeda Maria Malheiros de Oliveira*



# Introdução

---

A busca da mulher por espaços na sociedade deve ser compreendida como um processo histórico e evolutivo, mas que também envolve aspectos regionais e é dependente de restrições relacionadas à religião, aos sistemas de crenças dominantes e ao arcabouço de poder. Assim foi desde a “época das cavernas”, passando pelos registros mencionados em textos religiosos, como as diferentes versões da Bíblia Sagrada. Deve-se considerar os contextos e ensinamentos filosóficos e religiosos, como os mencionados por Zaratustra, Aristóteles, Sófocles, Lutero, entre outros. Mesmo na legislação da época, entretanto, há o viés conveniente. Como exemplo, é citado que, pela constituição inglesa antiga e pelos códigos de conduta franceses, a ênfase era: “a mulher é inferior ao homem e a ele deve subordinação”.

Com relação aos direitos humanos e à liberdade de expressão, uma das grandes questões é: geografia é destino? Napoleão já dizia: “Se você muda sua geografia, você muda seu destino”. Assim, os avanços em direção de maior isonomia entre gêneros serão diferenciados, dependendo do posicionamento geográfico da população, em qualquer região do planeta. Isso vale para qualquer atividade, desde o direito ao trabalho e à remuneração ou à simples possibilidade de possuir e dirigir um automóvel, por exemplo. Tal realidade é enfrentada até os dias de hoje, em determinadas sociedades. Como reflexão, com relação às diferenças evolutivas regionais, pode-se considerar que o panorama e os desafios são e sempre serão maiores para algumas mulheres do que para outras, a depender de contingências externas.

## Ensino - Mulheres na Engenharia

No Brasil, concluir um curso superior já foi um desafio imenso, principalmente para as mulheres. Os primórdios da presença da mulher na engenharia, em solo brasileiro, são marcados pelo pioneirismo de poucas mulheres. Os primeiros registros são da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, onde se graduaram: Edwiges Maria Becker - 1919; Anita Dubugras - 1920; Iracema da Nóbrega Dias - 1921 e Maria Esther Corrêa Ramalho - 1922. No Paraná, Enedina Alves Marques foi a primeira mulher a formar-se em Engenharia Civil, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), em 1945, aproximadamente 20 anos após os primeiros registros cariocas. Interessante ressaltar o pioneirismo de Enedina (mulher e negra), já que somente muitos anos depois aconteceu a formatura de outra mulher, em engenharia, no Paraná.

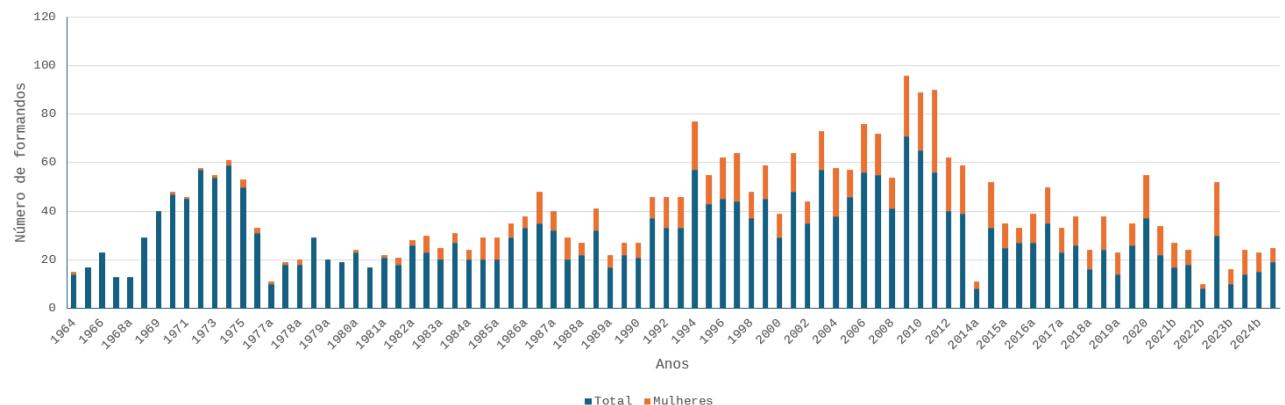
Passadas muitas décadas, a engenharia continua sendo considerada como uma área eminentemente masculina. Pelo menos, no que se refere à formação profissional, tal cenário está mudando, mas ainda há um longo caminho a seguir. No que tange aos cursos de engenharia em geral, no Brasil, em levantamento específico com tema mulheres no ambiente estudantil, observou-se que 54% dos estudantes de doutorado são mulheres, mas apenas 25% delas participam das ciências exatas (Negri, 2019). Outra menção que impressiona: na América

Latina, 72% dos artigos científicos, os quais envolveram todas as áreas do conhecimento, entre 2014 e 2017, são assinados por mulheres, o que demonstra o potencial feminino para a produção científica (Albornoz et al., 2018), mas há áreas, principalmente àquelas ligadas às ciências humanas que são responsáveis pelos maiores avanços.

## Ensino - Mulheres na Engenharia Florestal

Em 1958, o Presidente Juscelino Kubitschek determinou que se equacionasse o problema florestal no Brasil e decidiu pela criação de um Curso de Engenharia Florestal em Viçosa, MG, em convênio com a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura" (Food and Agriculture Organization - FAO). Tal convênio foi depois transferido para Curitiba, PR. Como o curso em Viçosa também foi mantido, estão registradas, entre as primeiras mulheres formadas em Engenharia Florestal: Maria das Graças Ferreira Reis, graduada pela Universidade Federal de Viçosa – UFV (1973) e Alcina Morici, na turma de 1964, pela Universidade Federal do Paraná – UFPR, na primeira turma de formandos. O pioneirismo de Alcina, no Paraná, fica claro quando se recorda que a segunda mulher graduada em Engenharia Florestal foi Luiza Maria Claret Burger (turma de 1970), portanto seis anos depois. A partir daí e, por muitos anos, poucas mulheres estiveram entre formandos nas turmas e, ao longo das décadas, tal diferença foi diminuindo. Listas de formandos, por turma, foram publicadas em Macedo e Machado (2003), agregando-se dados de 2003 a 2025 (primeiro semestre) obtidos junto à secretaria do curso de Engenharia Florestal da UFPR, permitindo a geração de um gráfico com as informações disponíveis, que demonstram o crescimento do número de mulheres (Figura 6.1), em relação ao total de alunos, ao longo do tempo. Adicionalmente, segundo Lopes (2021), o Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (Confea) documentou 15.739 engenheiros florestais com registros ativos em 2021, sendo 10.336 (65,7%) homens e 5.403 (34,3%) mulheres, considerando o Brasil inteiro. Na área de pós-graduação em engenharia florestal, representada por cursos de mestrado e doutorado, não há estatísticas disponíveis, com relação à representatividade histórica feminina, ao longo do tempo. São, entretanto, números expressivos, ao se considerar que em 2018, havia 42 programas de pós-graduação na área, número que se manteve estável até 2022, distribuídos em 23 instituições.

Com relação aos docentes, Moster (2022) cita levantamento realizado em 69 cursos de Engenharia Florestal, por meio de página virtual ou contato por e-mail, em que foi possível obter informações sobre o corpo de professores de 37 cursos, onde foram listadas 266 mulheres em um total de 807 docentes (33%). Regionalmente, a autora encontrou destaque para a região Nordeste, com 39%. Atualmente, muitos são os exemplos de engenheiras florestais que atuam no ensino, na pesquisa e na extensão oriundas de suas áreas de expertises no campo florestal, algumas delas destacadas nos itens a seguir.



**Figura 6.1.** Série histórica de formandos no curso de graduação de Engenharia Florestal da Universidade Federal do Paraná.

Fontes: Macedo e Machado (2003) e Secretaria do Curso de Engenharia Florestal da UFPR.

## Pesquisa - Engenheiras Florestais no Brasil

A pesquisa florestal, além do ensino, poderia ter sido uma das áreas com ocorrência de menores restrições à atuação das mulheres. Entretanto, tal fenômeno aconteceu com menor intensidade, por vários motivos, como: a) a disponibilidade de mulheres com titulação mínima e preparo para cargos de pesquisa, normalmente alcançados mediante concursos públicos e b) o número de instituições de pesquisa, comparado ao de instituições de ensino, ao longo das últimas décadas, sempre foi bastante inferior. De qualquer forma, a atividade de pesquisa tem conquistado o sexo feminino, já que, segundo a Yoshioka (2024), congrega 38% do total de envolvidas na área florestal, como um todo.

A pesquisa florestal no Brasil foi impulsionada pela criação do Programa Nacional de Pesquisa Florestal (PNPF) em 1978, coordenado pela Embrapa, em parceria com o extinto Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal -IBDF (atualmente Ibama). Foi criada uma estrutura com quatro bases físicas em diferentes regiões do País, localizadas em centros regionais de pesquisa da empresa, especificamente: na região Norte (Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Úmido - CPATU, hoje Embrapa Amazônia Oriental); na região central (Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados - CPAC, hoje Embrapa Cerrados; na região Nordeste (Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semi-Árido – CPATSA, hoje Embrapa Semiárido) e uma unidade exclusivamente florestal (Unidade regional de Pesquisa Florestal Centro Sul – URPFCS, hoje Embrapa Florestas), localizada na região Sul, em Colombo, PR.

Foram contratados 24 pesquisadores, distribuídos nas quatro bases físicas. Naquele momento, a única mulher do grupo era Yeda Maria Malheiros de Oliveira, lotada na URPFCS. Nos anos seguintes, outras pesquisadoras foram incorporadas ao grupo florestal, como Noemí Vianna Martins Leão, pesquisadora contratada em 1979, para o CPATU. Ao longo dos anos, o número de pesquisadoras formadas em Engenharia Florestal cresceu substancialmente, sendo lotadas em diversas unidades de pesquisa da Embrapa. Como recorte desse número,

somente a Embrapa Florestas conta atualmente com 71 pesquisadores, dos quais 25 são engenheiros florestais (homens) e 8 são mulheres (32%).

Destaque para a engenheira florestal Dra. Valderês Aparecida de Sousa, coordenadora nacional do relatório brasileiro sobre recursos genéticos florestais que gerou o documento *The Second Report on the State of the World's Forest Genetic Resources*, publicado em 2022 pela FAO. Valderês atuou como Chairperson na Oitava Sessão do Grupo de Trabalho Técnico Intergovernamental sobre Recursos Genéticos Florestais (grupo vinculado à Comissão de Recursos Genéticos da FAO), em 2024. Outro exemplo de contribuição relevante para o tema em questão é o da Dra. Cristiane Aparecida Fioravante Reis, engenheira florestal da Embrapa Florestas e autora do estudo *A Participação das Mulheres na Cadeia Produtiva Florestal Brasileira* (Reis, 2024).

Na Embrapa, como os principais instrumentos de busca de soluções para os problemas agropecuários e florestais são os projetos de pesquisa, cabe aqui mencionar um deles, que tem o objetivo específico de envolver e capacitar o público feminino. Trata-se do projeto *Mulheres e a Cultura do Pinhão*, desenvolvido pela Embrapa Florestas (liderado pela pesquisadora Dra. Rossana Catie Bueno de Godoy), com apoio da Vitrine da Biodiversidade Brasileira e da indústria de cosméticos Avon, com foco no fomento da bioeconomia e o manejo do pinhão.

Além da Embrapa, empresas estaduais de pesquisa, fundações estaduais de amparo à pesquisa, empresas florestais e instituições correlatas também estão relacionadas ao contexto da pesquisa florestal, no Brasil. Destaque para o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), onde atua a engenheira florestal Dra. Barbara Nayara Sbardeletto Brum e Instituto de Pesquisas Tecnológicas do estado de São Paulo (IPT), com a engenheira florestal Dra. Ana Paula de Souza Silva.

## Iniciativa privada – engenheiras florestais e a capacitação de mulheres

O setor florestal envolvendo a produção e o processamento de madeira é um setor eminentemente masculino, desde as atividades de campo, nas fábricas e oficinas, no transporte de matéria-prima e dos produtos acabados, entre outras etapas dos processos envolvendo a cadeia produtiva. Assim, a maioria das mulheres sempre atuou em atividades de assessoramento, planejamento e gestão intermediária, ou em especialidades desenvolvidas em escritório, como cálculos, geoprocessamento etc.

Segundo o Panorama de gênero do Setor Florestal (Yoshioka, 2024), a participação das mulheres em empresas vinculadas ao setor, mesmo ainda incipiente, cresceu de 13% em 2020 para 18% em 2023, ainda com predominância na área administrativa (47%). Pesquisa e Desenvolvimento (38%) e viveiros (41%) são os destaques nas áreas técnicas.

Algumas pioneiras, entretanto, devem ser citadas, como Tania Magda Matsuno Ramos, que lidera uma empresa de consultoria florestal desde os anos 1970 e a Dra. Ivone Satsuki Namikawa Fier, primeira engenheira florestal contratada pela Empresa Klabin S.A., onde atuou até sua aposentadoria. Mais recentemente, o setor privado florestal, acompanhando as tendências mundiais, têm buscado se adequar aos movimentos de equidade de gênero. A Klabin S.A. aderiu voluntariamente ao processo em 2016 e integra, desde 2020, o movimento “Equidade é Prioridade” do Pacto Global. O objetivo dessa iniciativa é estabelecer metas para que as empresas que fazem parte do Pacto aumentem o número de mulheres em cargos de alta liderança que, segundo documento de Yoshioka (2024), ainda tem enorme potencial de crescimento, representando atualmente apenas 21% do total dos cargos de diretoria, envolvendo área jurídica, coordenação e gestão geral. Na mesma linha, a Suzano S.A. está comprometida em oferecer um ambiente de trabalho inclusivo, por meio de iniciativas e políticas sociais, buscando atingir a meta de 30% de mulheres em cargos de liderança, até 2025.

Além de investir em novas lideranças, as empresas florestais também investem em capacitação de pessoal. Em 2023, a Empresa Veracel Celulose ofereceu o curso de Formação de Operadores de Máquinas Florestais e o curso de Formação de Mecânicos (para mulheres e homens) e 50% das vagas disponíveis em ambos os cursos foram preenchidas por mulheres.

A Empresa Bracell iniciou o projeto “Farmácia Verde” em 2017. Consiste na capacitação de mulheres das comunidades locais na fabricação de sabonetes e artigos de perfumaria produzidos com plantas medicinais. Algumas ações empreendidas: Projeto “Mulheres em Ação” (2021), curso de extensão universitária em Naturopatia na Bahia (2019-2021), Centro Farmácia Verde para Produção de Sabão (Cangula, 2022) e Horta de Ervas Medicinais (2022).

É importante destacar que um dos sistemas internacionais de certificação do manejo florestal no Brasil, no caso o sistema preconizado pelo Forest Stewardship Council (FSC), já em 2015 incorporou o quesito equidade de gênero aos seus critérios e indicadores. O critério 2.2 prevê: “A Organização deverá promover a igualdade de gênero nas práticas de emprego, oportunidades de treinamento, celebração de contratos, processos de engajamento e atividades de gestão” (Forest Stewardship Council, 2016).

## Poder público – engenheiras florestais em posições de liderança

O poder público é um setor em que as mulheres sempre puderam participar em maior número, embora não necessariamente em posições de destaque ou comando. Muitas, hoje, são as mulheres ministras de estado, juristas, chefes de departamento de universidades e centros de pesquisa, sendo que há um olhar cuidadoso para atender à equidade de gênero no que se refere às posições de liderança (nível nacional, estadual e até municipal). O recorte

para o papel de destaque de engenheiras florestais, entretanto, merece mais ressalvas em relação ao número de dirigentes, embora perceba-se que a tendência é de um número maior de mulheres na gestão universitária, por exemplo. Como exemplo de dirigentes universitárias, pode-se citar: Dra. Patrícia Pereira Pires, coordenadora do curso de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Goiás (UFG) e Dra. Josita Soares Monteiro, coordenadora do curso de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Santa Maria. Há também as professoras e engenheiras florestais Dra. Sybelle Barreira e Dra. Francine Neves Calil que atuam nas funções de coordenação e vice-coordenação do Programa de Pós-Graduação em Agronegócio da UFG, respectivamente. Dra. Francine também atua como vice-coordenadora da Escola de Agronomia (a qual engloba o curso de Engenharia Florestal) da UFG. Entretanto, deve-se ressaltar que um levantamento em campo certamente mostraria números relevantes. No contexto ambiental, destaca-se Walquíria Pizzato Lima, gerente de parques da Prefeitura de Curitiba. Lella Regina Curt Bettega é engenheira florestal e advogada, sócia da empresa de consultoria e a atual presidente da Associação Paranaense de Engenheiros Florestais (APEF).

A diretoria da Embrapa hoje é composta por cinco dirigentes, sendo três mulheres (inclusive a Presidente, Dra. Silvia Maria Fonseca Silveira Massruhá). Dentre tal grupo, ressalta-se a importância da atuação da Engenheira Florestal Dra. Ana Margarida Castro Euler, Diretora Executiva de Inovação, Negócios e Transferência de Tecnologia da Embrapa. Saliente-se também a importância da atuação da Engenheira Florestal, Dra. Graciela Bolzon Muniz, como vice-reitora da UFPR, no período de 2016 a 2025.

## Políticas públicas, fomento e financiamento

Iniciativas de cunho regional, estadual e municipal podem e devem ser mapeadas, permitindo um olhar otimizado e a criação de programas locais. Como exemplo de política pública de nível nacional, envolvendo o fomento e o financiamento de bens e serviços, é citado o Pronaf Mulher, programa que possibilita crédito de investimento para atender às necessidades da mulher produtora rural. É possível financiar investimentos destinados à construção, reforma ou ampliação de benfeitorias e instalações na propriedade rural e, também, a aquisição de máquinas, equipamentos e implementos; a aquisição de matrizes; a formação e recuperação de pastagens; proteção e correção do solo; a aquisição de bens como tratores e embarcações, entre outras atividades.

O Plano Safra da Agricultura Familiar também criou uma linha específica para mulheres rurais. Possibilita o financiamento à mulher agricultora integrante de unidade familiar de produção enquadrada no Pronaf, independentemente do estado civil. Possui limite de financiamento de até R\$ 25 mil por ano e taxa de juros de 4% ao ano, orientada às agricultoras com renda anual de até R\$ 100 mil.

## **Políticas públicas, iniciativas não governamentais e networking**

São inúmeras as iniciativas de cunho governamental ou performadas pela academia e por instituições públicas, privadas e organizações não governamentais, no contexto de ampliar a conexão e a visibilidade das mulheres e de suas atividades no contexto florestal. Pode-se citar, como exemplo: a Rede Mulheres nas Ciências Florestais, desenvolvida pelo Instituto Florestal da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), coordenado pela professora Dra. Cláudia Moster e que objetiva o levantamento de dados estatísticos e informações sobre o contexto profissional das engenheiras florestais pioneiras do Brasil, tendo editado o livro “Mulheres nas Ciências Florestais”, em 2022. Outra iniciativa específica para mulheres é a Rede de Mulheres das Águas e das Florestas (Remaf), que reúne 62 lideranças defensoras da sociobiodiversidade, que vivem no Norte e Nordeste do Brasil, como parte do Hub de Bioeconomia da Amazônia. No Projeto Floresta+Amazônia, a perspectiva de gênero é priorizada e colocada em prática por meio de ações e estratégias direcionadas, buscando benefícios equitativos. Pressupõe o protagonismo feminino para tomada de decisão nas matérias que afetem mulheres em qualquer idade e condição sociocultural, e impulsionando mudanças e dinâmicas de gênero positivas.

O Observatório das Mulheres Rurais do Brasil foi criado em 2022 e faz parte do Sistema de Inteligência Estratégica da Embrapa – Agropensa. É uma ferramenta de inteligência para a antecipação e o acompanhamento de questões relevantes do campo, considerando recortes regionais e, ou temáticos. Como lógica de articulação institucional interna, a Embrapa criou a Rede Embrapa Mulheres Rurais do Brasil, que inclui representantes de todas as unidades de pesquisa da empresa, localizadas nas diferentes regiões do Brasil.

A Rede Mulher Florestal é uma organização independente e pioneira que permite que pessoas e instituições do setor florestal brasileiro tenham contato, ampliem, promovam e, ou compartilhem seu conhecimento sobre o tema “gênero”, com foco na inclusão de mulheres no setor florestal. A organização tem publicado relatórios periódicos com importantes informações envolvendo o “Panorama de Gênero do Setor Florestal”. Fernanda Rodrigues, engenheira florestal e, diretora da Rede Mulher Florestal, é uma líder que tem despontado tanto nacional como internacionalmente. Destaque também para as engenheiras florestais Maria Harumi (Arauco Brasil/Klabin S.A.), Bárbara Bomfim (WWF Brazil) e Jocelaine Araujo (empreendedora).

O Programa Agro+Mulher foi desenvolvido no âmbito do Ministério da Agricultura e Pecuária e abriga o Coopergênero/Eurosocial, programa regional de cooperação técnica da União Europeia para promover a coesão social na América Latina, focalizando sua ação em áreas de gênero, visando o fortalecimento do Objetivo do Desenvolvimento Sustentável 5 (ODS 5) da Agenda 2030 da ONU, sobre igualdade de gênero.

O Programa AgroMulher é a maior Rede de Mulheres do Agronegócio Brasileiro. Promove jornadas empreendedoras da mulher no campo e, também, a Caravana AgroMulher, com encontros de mulheres visando capacitar e fortalecer as mulheres no mundo do agronegócio.

## Reconhecimento público às engenheiras florestais de destaque

Alguns exemplos de reconhecimentos públicos às engenheiras florestais de destaque são citados a seguir. Maria José Brito Zakia, engenheira florestal, consultora da Prática Assessoria Socioambiental e professora visitante de universidades paulistas, teve sua trajetória reconhecida durante o XXV Congresso Mundial da IUFRO, realizado em 2019, em Curitiba, PR, recebendo o prêmio Host Country Scientific Achievement Award.

Em reconhecimento ao pioneirismo de Enedina Alves Marques, mulher e negra, graduada em Engenharia Civil em 1945, o Conselho Regional de Engenharia e Agronomia no Paraná instituiu o Prêmio Enedina Marques, com reconhecimento anual de profissionais de diferentes setores das engenharias. Foram ganhadoras do prêmio, em 2023 e 2024, respectivamente, as Engenheiras Florestais, Yeda Maria Malheiros de Oliveira e Tania Magda Matsuno Ramos. As engenheiras florestais, professora Dra. Sybelle Barreira da UFG e pesquisadora Cristiane Aparecida Fioravante Reis, da Embrapa Florestas, receberam o Certificado do Mérito Legislativo do Governo de Goiás, em junho de 2025, em celebração ao Dia do(a) Pesquisador(a).

O Prêmio Mulheres do Agro (PMA), iniciativa idealizada pela Bayer Brasil em parceria com a Associação Brasileira do Agronegócio (Abag), já reconheceu 54 mulheres rurais e uma pesquisadora.

O Prêmio Mulheres Positivas do Agronegócio, concedido pela Sociedade Rural Brasileira, é um reconhecimento que evidencia empreendedoras que atuam no Agronegócio. Organizado pelo movimento Mulheres Positivas e com patrocínio Master da Associação Brasileira de Marketing Rural e Agro (ABMRA).

## Considerações finais

---

Como reflexão e analisando o presente texto, pode-se considerar que as tendências para a ampliação da participação da engenheira florestal em um número significativo de setores e cargos são positivas, principalmente em função de alguns tópicos, como:

- a) Políticas de diversidade: muitas organizações estão implementando políticas de diversidade e inclusão, com metas específicas para aumentar a participação feminina;

- b) Networking e mentoria: redes de apoio e programas de mentoria para mulheres no setor florestal têm se expandido, oferecendo suporte e oportunidades de desenvolvimento profissional;
- c) Tecnologia: o avanço tecnológico no setor florestal (como uso de drones e sistemas de informações geográficas) está criando oportunidades que são menos dependentes de força física, potencialmente aumentando a participação feminina;
- d) Reconhecimento internacional: organizações internacionais como a FAO têm promovidoativamente a igualdade de gênero no setor florestal.

Assim, toda **MUDANÇA É UM PROCESSO!!!!**

## Referências

---

ALBORNOZ, M.; BARRERE, R.; MATAS, L; OSORIO, L.; SOKIL, J. **Las brechas de género en la producción científica Iberoamericana**. Buenos Aires, Argentina: Observatorio Iberoamericano de la Ciencia, la Tecnología y la Sociedad de la Organización de Estados Iberoamericanos, 2018. p. 31-46.

FOREST STEWARDSHIP COUNCIL. **Promoting gender equality in national forest stewardship standards**. Bonn, 2016. 44 p. (FSC. FSCGUI-60-005 V1-0 EN).

LOPES, M. S. Atuação da mulher no setor de meio ambiente. **Mata Nativa**, 2021.

MACEDO, J. H. P; MACHADO, S. A. **A Engenharia Florestal da UFPR**: história e evolução da primeira do Brasil. Curitiba: Dos autores, 2003. 513 p.

MOSTER, C. **Mulheres nas Ciências Florestais**. Seropédica: Das autoras 2022. 124 p.

NEGRI, F. Women in science: still invisible? In: PRUSA, A.; PICANÇO, L. (ed.). **A snapshot of the status of women in Brazil: 2019**. Washington, DC: Wilson Center; 2019. p. 18-19. Disponível em: [https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/media/documents/publication/status\\_of\\_women\\_in\\_brazil\\_2019\\_final.pdf](https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/media/documents/publication/status_of_women_in_brazil_2019_final.pdf). Acesso em: 30 jun. 2025.

REIS, C. A. F. **A participação das mulheres na cadeia produtiva florestal brasileira**. Colombo: Embrapa Florestas, 2024. (Embrapa Florestas. Documentos, 395). Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/1168071/1/EmbrapaFlorestas-2024-Dокументos395.pdf>.

YOSHIOKA, M. H. (coord.). **Panorama de gênero do setor florestal**: 2023. Curitiba: Rede Mulher Florestal, 2024.